

## AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS TRADUZIDAS NAS LEGENDAS DA SÉRIE *GLEE*

Nathalia Leite de Queiroz Sátiro \*  
Sinara de Oliveira Branco \*

### RESUMO

O objetivo neste artigo é analisar a tradução de Expressões Idiomáticas (EI) na legenda de um episódio do seriado *Glee*, além de observar as estratégias tradutórias utilizadas para a tradução de EI na legenda e de verificar a implicância da questão cultural nas traduções delas, levando em consideração o contexto cultural brasileiro. Para embasar este artigo, aplicamos os Estudos da Tradução Audiovisual e Legendagem (DIAZ-CINTAS e ANDERMAN, 2009; GOROVITZ, 2006; ARAÚJO, 2004); a Tradução e a Cultura (SNELL-HORNBY, 1995; LARAIA, 1986; HATJE-FAGGION, 2009); as Expressões Idiomáticas (TAGNIN, 2005; BAKER, 1992; ALVAREZ, 2011); e as Representações Estereotipadas em *Glee* (BIEGING, 2010). A coleta de dados seguiu os passos: i) seleção da legenda do episódio escolhido; ii) análise da legenda, com o intuito de investigar as estratégias de tradução das EI; e iii) discussão sobre aspectos relacionados a questões culturais na tradução dessas EI e suas implicações. O *corpus* analisado foi classificado em: 1) tradução literal, perdendo-se o sentido da EI; 2) tradução por outra EI, mantendo o mesmo efeito, porém com forma diferente; 3) tradução por meio de paráfrase; e 4) omissão. Verificamos que os tradutores conseguiram, de forma geral, traduzir as EI. O maior número de traduções foi feito por meio de paráfrase e de tradução por outra EI na língua alvo.

**Palavras-chave:** Legendagem; Tradução; Expressões Idiomáticas; Estratégias de Tradução; *Glee*.

### ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the translation of idioms in the subtitles of one episode of the TV series *Glee*, besides observing the translation strategies used for the idiom translation in the subtitle and verifying the implication of cultural issues in the translation of idioms, taking into account the Brazilian cultural context. The theoretical framework of this paper was based on the studies of Audiovisual Translation and Subtitling (DIAZ-CINTAS and ANDERMAN, 2009; GOROVITZ, 2006; ARAÚJO, 2004); Translation and Culture (SNELL-HORNBY, 1995; LARAIA, 1986; HATJE-FAGGION, 2009); Idioms (TAGNIN, 2005; BAKER, 1992; ALVAREZ, 2011); and Stereotyped Representations on *Glee* (BIEGING, 2010). The work data were collected, following the steps: i) selection of the subtitle of the chosen episode; ii) the subtitle analysis in order to investigate the translation

---

\* Professora Mestre (POSLE/UFCG) da Universidade Estadual da Paraíba.

\* Professora Doutora (UFSC/PGI) da Universidade Federal de Campina Grande.

strategies for idioms; and iii) discussion of aspects related to cultural issues in the translation of these idioms and its implications. The analyzed *corpus* was classified into: 1) literal translation, losing the sense of the idiom; 2) translation by another idiom, keeping the same effect, but with different shape; 3) translation by paraphrase; and 4) omission. We verified that the translators have managed, in general, to translate the idioms. The translation of idioms was mainly done by paraphrasing and translating using another idiom in the target language.

**Keywords:** Subtitling; Translation; Idioms; Translation strategies; Glee.

## Introdução

Hall (2006, p. 48) afirma que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Ser um brasileiro constitui muito mais uma representação do que de fato quem somos.

Mesmo querendo unificar as nações dentro de uma identidade cultural, nenhuma delas é composta de um só povo ou cultura homogênea. Todas as nações são constituídas na heterogeneidade, sendo assim, todas as culturas, segundo Hall (2006, p. 62), são “híbridos culturais”. O autora firma que na formação de culturas nacionais como representação, vê-se que cada nação tem um perfil, uma maneira de agir e viver. Isso cria uma identidade para um grupo, mesmo que não englobe de maneira homogeneizadora a todos os cidadãos de uma nação. A identidade de um grupo é, muitas vezes, divulgada mundialmente, principalmente com os processos de globalização. Por isso que, para o senso comum, ser brasileiro é, por exemplo, ser aquele que assiste a novelas e acompanha esportes.

Entretanto, os resultados de um estudo realizado em 2013 pela eCGlobal Solutions<sup>3</sup> mostram que os brasileiros, em sua maioria, preferem assistir a filmes (78%), seriados (66%), noticiários (62%), documentários (59%) e programas humorísticos (55%). Dos jovens que foram entrevistados, 10% deles dizem acompanhar os programas pelo *notebook* (ou também pelo *netbook* ou *desktop*). A pesquisa confirma o quanto os brasileiros se atraem por seriados e, mais especificamente, seriados norte-americanos (atualmente o brasileiro tem acesso a cerca de 200 seriados dos Estados Unidos, de acordo com o site Series TVIX<sup>4</sup>). Pelo fato de o inglês ser língua estrangeira no Brasil, os fãs de séries de TV que não dominam essa língua necessitam acompanhá-las legendadas ou dubladas.

<sup>3</sup>O estudo “Social TV – Da TV para a Internet” foi realizado pela eCGlobal Solutions, empresa especializada em metodologia de pesquisa *online*, entre os dias 25 de Junho e 09 de Julho de 2013, com brasileiros acima de 18 anos e está disponível no site: <<http://midiaboom.com.br/dados-e-estatisticas/86-dos-brasileiros-gostam-de-comentar-em-redes-sociais-o-que-assistem-na-tv/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

<sup>4</sup>O site Series TVIX disponibiliza seriados e até a data de acesso ele continha mais de 200 seriados dos Estados Unidos. Disponível em: <<http://seriestvix.tv/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.  
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 53-74, 2016.

O foco deste trabalho está na legendagem de séries, que é uma atividade técnica e específica, tendo o tradutor (legendador) que respeitar limites de caracteres por segundo, o tempo de exposição de legendas em tela, a cultura da língua de origem e de chegada, entre outros aspectos. Essas normas podem fazer com que o tradutor de legendas precise sintetizar, adaptar o que foi dito, ou omitir algumas falas, para que haja tempo de leitura.

Quem é fã de séries não quer aguardar os canais de TV a cabo disponibilizarem os episódios com legendas em português ou dublados, uma vez que esse processo pode levar dias. Outro fator que faz com que os fãs não queiram aguardar as legendas oficiais é que cerca de 86% dos brasileiros comentam em suas redes sociais sobre o que assistem, segundo a pesquisa já mencionada. Esse fato faz com que quem é fã de determinado seriado queira ver o novo episódio imediatamente ao ser lançado para poder comentar também, e não ser informado sobre ele sem tê-lo assistido. Por essa razão, os fãs das séries que têm conhecimento da língua inglesa traduzem, informalmente, as legendas dos seriados que eles acompanham.

As legendas produzidas por fãs se popularizaram rapidamente no Brasil, pois elas são disponibilizadas até mesmo no dia seguinte ao lançamento do episódio. Verificamos a grande popularidade das legendas de fãs em sites, como no site do Legendas TV<sup>5</sup>, em que o seriado *The Walking Dead*<sup>6</sup> bate recordes de legendas mais baixadas a cada episódio. Assim sendo, demonstra-se a importância de a legenda de fãs ser considerada em seu caráter analítico, pois cada vez mais, os grupos se organizam e criam padrões dentro da legendagem de fãs.

As nuances do ato tradutório na produção de legendas para filmes e seriados despertou o interesse, evidenciando que um dos aspectos relevantes na legendagem da série norte-americana *Glee* diz respeito às traduções de expressões idiomáticas (doravante EI). Os tradutores precisam considerar os diálogos do seriado na língua original – inglês norte-americano –, para que possam usar estratégias que favoreçam a tradução dos diálogos, mantendo o efeito linguístico o mais próximo possível do original.

O objetivo deste artigo é analisar a tradução de EI em legendas de um episódio do seriado *Glee*, da língua inglesa para a língua portuguesa do Brasil, produzida por uma equipe de tradutores de legendas de fãs. Os objetivos específicos são: 1) observar as estratégias

---

<sup>5</sup>O site Legendas TV disponibiliza as legendas de filmes e seriados feitos por grupos de legendagem de fãs. Disponível em: <<http://legendas.tv/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

<sup>6</sup>Mais de cem mil fãs baixam as legendas de cada episódio do seriado norte-americano *The Walking Dead*. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 53-74, 2016.

tradutórias utilizadas para a tradução de EI nas legendas; e 2) verificar implicância da questão cultural na tradução das EI, levando em consideração o contexto da cultura brasileira.

Para desenvolver este trabalho, iniciamos pela coleta de dados, que seguiu os passos: i) seleção da legenda produzida pela equipe *Griots Team*<sup>7</sup> do episódio escolhido; ii) análise da legenda feita, com o intuito de investigar as estratégias de tradução das EI; e iii) discussão sobre aspectos relacionados a questões culturais na tradução dessas EI e suas implicações.

Passaremos, a seguir, a discutir sobre a escolha do seriado e sobre a legendagem em geral e em *Glee*, para então expormos conceitos de tradução e cultura. Em seguida, abordaremos a questão de EI e as EI na legendagem do seriado *Glee*, discutindo sobre as representações estereotipadas no seriado escolhido. Por fim, faremos a análise de como foram traduzidas algumas EI. E apresentaremos as conclusões desse estudo.

### **1Conhecendo o Seriado e a Legendagem de *Glee***

Escolhemos trabalhar com o seriado *Glee*, exibido pelo canal FOX e produzido por Ryan Murphy, Ian Brennan e Brad Falchuk, pelo número de expressões idiomáticas que estão presentes nos episódios. *Glee* é uma série de televisão norte-americana. Ela teve seis temporadas, sendo a primeira iniciada no dia 19 de maio de 2009 e a última encerrada no dia 20 de março de 2015. Ao todo foram 121 episódios, da primeira à quarta temporada cada uma teve 22 episódios, a quinta temporada teve 20 episódios e a última, 13 episódios. A série é sobre jovens ambiciosos e talentosos que entram para o Clube *Glee* Novas Direções (o coral da escola McKinley) que é coordenado pelo professor Will Schuester (personagem de Matthew Morrison) e perseguido pela professora Sue Silvester (que odeia todos do coral). No coral os alunos são bem diferentes uns dos outros, desde os mais populares até os mais perdedores (ou *losers*) da escola. Essa diferença é o que chama atenção do público, pois se identificam com os personagens, e mesmo os que são considerados perdedores, mostram que são capazes de vencer.

No momento em que a ideia para esse artigo surgiu, a última temporada ainda não tinha sido lançada. Procuramos, então, a temporada mais recente, a quinta, para depois selecionarmos o episódio para estudo. Escolhemos o primeiro episódio da quinta temporada

---

<sup>7</sup> A equipe de legendagem de fãs *Griots Team*, é uma das dezenas de equipes que se organizam para legendar filmes e seriados. Todas as pessoas que fazem parte da equipe trabalham sem receber pelo serviço que fazem. Os legendadores participam de treinamento antes de entrarem para a equipe. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 53-74, 2016.

de *Glee* porque foi um dos que tiveram o maior índice de audiência (5.060.000 espectadores)<sup>8</sup>. E a legenda produzida pela equipe *Griots Team* teve mais de dez mil acessos no site do *Legendas TV*, que disponibiliza as legendas de forma gratuita.

Para compreendermos melhor as legendas de seriados, apresentaremos como é o processo de legendagem.

### 1.1 O que é legendagem?

Diaz-Cintas e Anderman (2009) descrevem os tipos de tradução audiovisual (doravante TAV) e o seu crescimento nos últimos anos. Os tipos de TAV são: a dublagem, cuja principal meta é a sincronia entre os lábios do ator original e a voz do dublador; a audiodescrição, que é descrição gravada em voz alta e integrada ao áudio do vídeo, geralmente usado para ajudar deficientes visuais na compreensão dos vídeos; a narração, é um texto descritivo traduzido que é lido por um narrador sem aparecer em cena; a *voice-over*, ouve-se a voz original, no início e no fim do discurso oral; e a legendagem, que é a transposição do discurso falado em forma de texto escrito, esse tipo de TAV costuma ser o mais popular, por ser mais econômico.

Neste contexto, a legendagem é a interpretação condensada ou não das falas de um filme, seriado ou outro programa de televisão. Antes dos canais a cabo se popularizarem, a legendagem estava presente apenas nos cinemas e nos vídeos domésticos. Nos dias atuais, na TV paga brasileira, ela ocorre mais do que a dublagem, caso que acontece de maneira inversa na TV aberta do Brasil.

Na tradução da legendagem existem diversos obstáculos a serem enfrentados pelos legendadores. Sobre isso temos a contribuição de Gorovitz (2006):

O tradutor, pelas limitações técnicas impostas, deve resumir e sintetizar ao máximo o diálogo, tentando produzir uma mensagem curta e clara e tendo unidade semântica. [...] A mensagem deve estar contida em, no máximo, duas linhas de até 56 caracteres. A posição da legenda, a fonte utilizada, a cor, o tempo de exposição, a escolha de palavras facilmente apreensíveis devem respeitar regras rígidas e, assim, limitam a liberdade do tradutor. Além disso, a projeção da legenda deve ser sincronizada à imagem: a tradução precisa aparecer e desaparecer conforme a sucessão do diálogo (GOROVITZ, 2006, pp.65-66).

Ou seja, para produzir legendas, o tradutor deve compreender como funcionam os aspectos da legendagem e obedecer às regras que são impostas por ela. Podemos citar como

---

<sup>8</sup>Verificamos esse dado no site: <[http://www.adorocinema.com/series/serie-4114/audiencias/#22500\\_on\\_20024](http://www.adorocinema.com/series/serie-4114/audiencias/#22500_on_20024)>. Acesso em: 16 setembro 2015. O número de espectadores foi contado apenas na primeira exibição de cada episódio.

exemplo dessas regras o limite de caracteres por linha, o número máximo de linhas, o tempo em que a legenda deve aparecer em tela e o tempo em que ela deve desaparecer.

Cada empresa de legendagem tem as suas próprias regras e manuais de legendagem, que diferem das regras mencionadas por Gorovitz (2006). Para Carvalho (2005), duas linhas é o número máximo para legendas, e a autora afirma que o número de caracteres muda de acordo com o meio: no cinema varia entre 32 e 40 caracteres; em VHS e televisão por assinatura varia entre 30 e 35 caracteres; e em DVD se aproxima do número de caracteres dos outros meios, dependendo do formato da tela.

Para a *Griots Team*, grupo de legendagem que produziu as legendas analisadas por nós, o número máximo de caracteres por linha é de 32. Além do número máximo de caracteres por linha, podemos apresentar outros aspectos técnicos determinados por esse grupo de legendagem como, por exemplo, o número máximo de 23 caracteres aparecendo por segundo e o tempo máximo de seis segundos de exposição para cada legenda. Na figura abaixo, podemos ver um exemplo sobre essas normas:



Figura 1 – Imagem da tela do *software Subtitle Workshop* do terceiro episódio da quinta temporada de *Glee*.

Na Figura 1, a duração da legenda foi de 2,430 segundos, o número de caracteres por segundo foi de 16,87 e o número de caracteres na primeira linha foi de 32 e, na segunda, 9. Ou seja, a legenda está de acordo com as regras preestabelecidas pelo grupo de legendagem.

Além disso, há também elementos da oralidade que são intransponíveis no discurso escrito, por isso é preciso destacar que a legendagem “incorpora certos traços, mas rejeita outros por querer se aperfeiçoar ao discurso oral” (RIDD, 1996, p.478). O texto é geralmente uma parte condensada do original, por causa das limitações de tempo e de espaço, e da velocidade de leitura de quem acompanha. O aspecto cultural tem relevância no processo tradutório. No caso da legenda estudada, tem-se que levar em consideração aspectos estruturais da língua inglesa e sua cultura, bem como a construção de sentido na língua portuguesa e seus efeitos dentro do sistema cultural brasileiro.

Outro aspecto que merece ser mencionado é o de tipos de legendagem, que são pelo menos dois: a profissional e a de fãs. O foco deste artigo é a legendagem de fãs que, em conceito, é igual à legendagem profissional, pois os tradutores de legenda também seguem regras e técnicas. Um dos aspectos que as difere é o tipo de tradutor de legendas: aquele que faz o trabalho de legendagem como profissão; e o fã que faz por *hobby*, assumindo uma

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 53-74, 2016.

função social. Esse papel social que o tradutor de legendas de fãs assume faz com que pessoas sem TV a cabo ou cinema próximo ao local onde vivem tenham acesso a filmes e seriados.

Além disso, Carvalho (2005) assevera que, na legendagem profissional, o tradutor de legendas, na maioria dos casos, traduz a legenda apenas com base no roteiro do filme ou do seriado, não tendo acesso às imagens e ao áudio, pois as empresas podem não liberar o material com receio da pirataria. Observamos que há uma vantagem na legendagem de fãs, uma vez que o tradutor de legendas tem acesso ao vídeo e, diversas vezes, tem também acesso a uma legenda já com os tempos inclusos ou um roteiro na língua original para traduzir.

Acerca de legendagem no Brasil, conforme esboçado por Araújo (2004), observamos que as pesquisas nessa área começaram a surgir na década de 1990. Quanto à classificação das legendas, elas podem ser classificadas segundo dois parâmetros: o linguístico, que pode ser: intralingual, que é na mesma língua do texto falado ou interlingual, que é a tradução dos diálogos de um filme ou programa de TV em língua estrangeira, por exemplo; e o técnico, em que as legendas podem ser abertas, as que são sobrepostas à imagem antes da transmissão ou exibição; ou fechadas, *closed-caption*, cujo acesso ficará a critério do telespectador através de um decodificador de legenda localizado no controle remoto da televisão (ARAÚJO, 2004).

A legenda investigada neste artigo é interlingual, já que foi traduzida do inglês para o português do Brasil, e é aberta, pois, depois de produzida, é inserida ao vídeo pelo telespectador ou por alguém que conhece esses procedimentos. A seguir, apresentaremos os conceitos de tradução e de tradução e cultura.

## 2 Tradução e cultura

Snell-Hornby (1995) demonstra uma preocupação com o aspecto cultural em tradução. Ou seja, a tradução não é vista como um mero ofício de traduzir palavra por palavra ou uma transcrição de uma língua para outra, mas sim como uma ação mais complexa. Devemos dar importância ao contexto e aos aspectos culturais de cada língua ao traduzirmos. Para isso, o tradutor deve ser bicultural, se não pluricultural, o que envolve o domínio de várias línguas, já que a língua é uma parte intrínseca da cultura (VERMEER *apud* SNELL-HORNBY, 1995).

Holz-Mänttari (1984) rejeita a ideia popularmente difundida acerca do papel do tradutor como um dicionário bilíngue que tenta apenas decodificar textos. Conforme a autora, o tradutor deve ser um especialista altamente treinado e com experiência em tradução. Para a

autora, a tradução é um ato de comunicação que ocorre entre duas línguas e culturas distintas. O tradutor deve estar atento às barreiras culturais que essas línguas podem apresentar.

Baker (1992, p.72) considera a possibilidade de haver certa distorção ao se traduzir um texto de uma língua para a outra. No entanto, a autora sugere que a distorção da ideia presente no texto original seja mínima possível. Nos estudos de Baker (1992) e de Armstrong (2005) percebemos uma preocupação com a tradução, seja no nível sintático (adequação dos elementos que compõem uma frase), ou semântico (o significado dos elementos de um texto), ou pragmático (a linguagem em uso). A partir disso, os dois autores apresentam possíveis problemas de traduções nesses níveis mencionados.

Ao analisar a divulgação de culturas por meio da tradução, Venuti (1999) afirma que “a tradução é geralmente vista com desconfiança porque ela inevitavelmente domestica textos estrangeiros, registrando neles valores linguísticos e culturais que são inteligíveis em constituintes domésticos específicos”<sup>9</sup> (VENUTI, 1999, p. 67. Tradução nossa).

Outro tema relevante é a questão da cultura, e para isso Laraia (1986) apresenta alguns traços culturais existentes entre sociedades, discutindo o que eles têm de semelhante. Laraia (1986) aborda também como o homem é influenciado pela cultura e como ele lida com ela. De acordo com o autor nenhum sujeito é capaz de participar completamente de sua cultura, porque ninguém é perfeitamente socializado, mas existe um mínimo de participação de cada indivíduo no conhecimento da sua cultura, a fim de que ele possa socializar com os demais membros do meio em que vive. Outro fato importante é que, segundo o autor, todo sistema cultural tem sua própria lógica, o que nos leva a pensar na tradução de uma língua para outra, uma vez que o que for lógico para uma cultura pode não ser para outra, por isso a importância de se conhecer as culturas da língua de partida e da língua de chegada ao traduzirmos.

Um aspecto que envolve a cultura está na tradução de palavras que são culturalmente determinadas (como as EI) e sobre isso a autora Hatje-Faggion (2009) apresenta algumas estratégias que os tradutores usam quando se deparam com esses problemas culturais, seja por meio de notas de rodapé, por substituição da palavra por outra que faça sentido na cultura de chegada, ou, além dos pontos citados pela autora, por omissão. A autora destaca ainda que essas estratégias são focadas para a cultura de chegada, ou seja, no caso das legendas que

---

<sup>9</sup>“Translation is often regarded with suspicion because it inevitably domesticates foreign texts, inscribing them with linguistic and cultural values that are intelligible to specific domestic constituencies.” (VENUTI, 1999, p. 67).

analisaremos, é importante levar em consideração elementos da cultura norte-americana, desde que observados seus efeitos de recepção na cultura brasileira. .

Como o foco desse artigo são as EI produzidas a partir da fala dos personagens do seriado, direcionamos nossa análise para esse aspecto. Então, a seguir, apresentaremos conceitos importantes sobre EI que nos auxiliarão no momento de nossa análise.

### 3 Expressões idiomáticas

Ao estudar uma língua estrangeira ou ao visitar uma região e comunidade com costumes distintos dos nossos, percebemos as especificidades das expressões idiomáticas (EI), pois não há regra que as explique. Além de conhecimento de léxico e da gramática de uma língua, temos que conhecer suas funções e seus sentidos, pois elas levam consigo aspectos culturais de cada lugar em que são usadas. Como podemos verificar no exemplo a seguir:

Legenda original: 00:33:06,204 → 00:33:08,634 <i>Nobody <b>treat me</b></i> <i><b>with kid gloves</b>, okay?</i>	Legenda traduzida: 00:33:06,204 → 00:33:08,634 Não precisam <b>sentir pena de mim</b> , está bem?
---	--

Tabela 1: Trecho retirado do terceiro episódio da quinta temporada do seriado *Glee*.

A Tabela 1 ilustra que não é suficiente que se saiba o que cada palavra significa individualmente. Temos também que conhecer o contexto da fala e qual ideia esta EI passa para os falantes da língua inglesa, levando-se em consideração a cultura desse povo para que possamos compreender a ideia que a EI possui na língua e cultura alvo. Uma tradução literal pode gerar perda de sentido, uma vez que a personagem, na cena em que o exemplo foi retirado, pede que os amigos não sintam pena dela pelo momento que ela está enfrentando, não tendo relação com um modo de tratá-la com luvas de crianças. Faz-se necessário, porém, termos uma definição do que são EI, já que os linguistas divergem quanto ao seu conceito.

Para Tagnin(1989) uma EI é a expressão que não tem o seu significado transparente. Para a autora, o termo EI “englobará apenas expressões semanticamente convencionalizadas, isto é, cujo significado não pode ser apreendido a partir do significado de suas partes” (TAGNIN, 1989, p.46). A autora diferencia as EI de expressões convencionais, já que para ela, estas últimas possuem significado transparente. Quando as expressões deixam transparecer essa relação entre a imagem e o seu significado, Tagnin (1989, p.43) as classifica como expressões metafóricas. Para a autora, só seriam EI se essa relação de imagem aludida e significado não pudesse mais ser recuperada.

Duarte (2012, p. 1) afirma que as EI não têm uma tradução literal e representam “um traço cultural de uma determinada comunidade, razão pela qual podem ser consideradas como variantes linguísticas, uma vez demarcadas por meio de distintas regiões, cada uma revelando um significado diferente.” A autora afirma que as EI terão seus significados de acordo com a cultura de cada local em que ela for usada, ou seja, uma mesma EI pode ter significados diferentes, dependendo de cada região que a usar.

Baker (1992) define que as EI e expressões fixas são formas cristalizadas da língua que permitem pouca ou nenhuma variação, e no caso específico das EI, a autora destaca que elas carregam um significado que não pode ser compreendido por seus elementos individuais. Acerca das expressões, Armstrong (2009) e Baker (1992) discorrem sobre os problemas encontrados pelos tradutores ao se depararem com expressões idiomáticas e possíveis soluções para essas dificuldades. Essas dificuldades podem ser, por exemplo: i) a questão da não equivalência entre as línguas; ii) a expressão idiomática pode ter um correspondente na língua de chegada, mas pode ter o uso diferente; e iii) a expressão pode ser usada na língua de partida, de maneira literal ou idiomática. Baker (1992) apresenta estratégias para a tradução de expressões idiomáticas, tais como usar uma EI que tenha significado e forma similar; usar uma EI com significado similar, porém com forma diferente; parafrasear a EI; ou omitir a EI.

A partir dessas ideias, decidimos separar o *corpus* dessa maneira: 1) tradução de uma EI literalmente, perdendo-se o sentido dela; 2) tradução de uma EI por outra EI com o mesmo efeito e com forma diferente; 3) tradução de uma EI através de paráfrase; e 4) omissão da EI.

Para Xatara (1998, p.18), EI “é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Assim como Baker (1992), a autora concorda que se modificarmos um elemento de uma EI, o sentido idiomático desaparece.

David Crystal (*apud* NARVAES, 2014) aborda o conceito de EI por dois vieses: semântico, o sentido das palavras usadas nas EI difere do significado da EI em si; e sintático, para o autor, as EI apresentam formas que não variam, ou seja, são cristalizadas.

O’Dell e McCarthy (2010) definem EI como expressões fixas que compreendemos e aprendemos como unidades completas e não palavra por palavra, assim como fazem os demais autores apresentados. O que difere estes autores dos demais é que para eles as EI são expressões fixas de palavras cujo significado é difícil, mas não impossível de se compreender por meio de análise semântica das palavras individualmente.

Griffiths (2006) define semântica e pragmática como:

A pragmática é sobre como nós interpretamos enunciados e como produzimos enunciados interpretáveis, de qualquer forma, leva-se em consideração o contexto e conhecimento prévio. [...] A semântica é o estudo do conhecimento independente de contexto que os usuários de uma língua têm da palavra e do significado da sentença. [...] A semântica é descritiva, e não se preocupa fundamentalmente com a forma como palavras surgiram historicamente para ter os significados que elas possuem. (GRIFFITHS, 2006, p. 21) Tradução nossa.<sup>10</sup>

Observamos que estudos de semântica e pragmática estão relacionados ao estudo de EI, pois, de acordo com Griffiths (2006), as EI são exceções com relação ao estudo semântico. Elas não devem ser trabalhadas através dos significados individuais de suas partes. Segundo o autor, as EI devem ser aprendidas como um todo. Nota-se que, no caso deste estudo, faz-se necessário ter o conhecimento do nível pragmático das EI, uma vez que devemos ter conhecimento do seu uso na cultura de partida e chegada, além do conhecimento semântico.

Por fim, apresentamos a definição que Alvarez (2011):

Uma expressão idiomática pode ser definida como uma unidade sintática e semântica. Ela forma uma estrutura sintagmática complexa que resulta numa unidade lexical conotativa e se refere a uma realidade específica com um sentido particular. O significado dela resultante independe do significado dos lexemas isolados que a compõem. Sua extensão de sentido é metafórica e o que mantém a unidade lexical é o todo significativo; são os lexemas gerando um novo sentido ao se combinarem que justifica a sua opacidade e o fato de serem indecomponíveis (ALVAREZ, 2011, pp. 123-124).

O que a autora quer dizer é que uma EI não deve ser compreendida pelo significado de cada um dos seus elementos, já que esses elementos juntos ganham um novo significado. Assim como para os demais autores, para Alvarez (2011), uma EI é indecomponível. Para Alvarez (2011), a metáfora está nas EI, e para os demais autores citados, as expressões metafóricas e as EI são diferentes. Porém, discordamos da autora no ponto em que ela diz que as EI são indecomponíveis, uma vez que verificamos no *corpus* que a substituição de uma palavra por outra pode ser possível. Como observado nos exemplos a seguir:

Legenda original: 00:04:56,455 → 00:04:59,480 <i>I don't really know the Beatles;</i> <i>I'm a little on <b>the black side</b>.</i>	Legenda traduzida: 00:04:56,455 → 00:04:59,480 Não conheço os Beatles, estou <b>meioporfora</b> .
--	--

Tabela 2: Trecho retirado do primeiro episódio da quinta temporada do seriado *Glee*.

Legenda original: 00:06:43,715 → 00:06:47,384	Legenda traduzida: 00:06:43,715 → 00:06:47,384
--	---

<sup>10</sup>“Pragmatics is about how we interpret utterances and produce interpretable utterances, either way taking account of context and background knowledge. [...] Semantics is the study of context-independent knowledge that users of a language have of word and sentence meaning. [...] Semantics is descriptive, and not centrally concerned with how words came historically to have the meanings they do.”(GRIFFITHS, 2006, p. 21).

'Cause I've seen <i>the dark side, too.</i>	Pois também vi <b>o lado negro.</b>
--	-------------------------------------

Tabela 3: Trecho retirado do terceiro episódio da quinta temporada do seriado *Glee*.

Observamos que a EI “*the dark side*” pode ser modificada para “*the Black side*”, houve a substituição da palavra “*dark*” por “*black*” e mesmo assim, não deixou de ser uma EI e nem perdeu o seu sentido idiomático.

A partir das definições discutidas acima e para atingir os objetivos desse artigo, a definição de EI aqui utilizada será: uma estrutura sintagmática complexa, cujo sentido é compreendido através da unidade completa (e não dos lexemas isolados que a compõem) e do contexto cultural e geográfico. As EI podem ter sentido metafórico e em sua maioria não fazem sentido se tentarmos entender palavra por palavra isoladamente. Deve-se entender a combinação de palavras, pois ganharão um novo sentido ao se unirem. As EI nem sempre serão indecomponíveis, uma vez que verificamos ser possível substituímos uma palavra da EI e ela não perder o sentido idiomático, porém se quando essa substituição for feita a expressão perder o sentido idiomático, ela deixará de ser uma expressão idiomática.

#### 4 As representações estereotipadas no seriado *Glee*

Como os meios de comunicação têm um grande público, principalmente a televisão, eles acabam tendo uma significativa participação na organização das identidades culturais. O indivíduo, ao assistir televisão, tenta igualar-se à imagem desejada (nem que seja apenas na sua imaginação), porém os indivíduos não são iguais, uma vez que cada um tem uma visão do conteúdo transmitido. Para Bieging:

Com a abertura das fronteiras em decorrência da globalização, passamos a ter mais opções tanto de consumo, quanto de modelos de vida. Além da troca de produtos, passamos a realizar também trocas culturais impulsionadas pelo consumismo global, criando as “identidades partilhadas” (HALL, 2004). Mesmo em países distantes, passamos a consumir os mesmos produtos e a ver as mesmas imagens. Com isso, as culturas ditas nacionais passaram a ser influenciadas por outras culturas, tornando-se difícil conseguir manter as identidades culturais de forma inabalável e forte. (BIEGING, 2010, p. 372)

Um exemplo disso encontra-se em *Glee*, que faz com que as pessoas se identifiquem por se passar em uma escola e mostrar os “perdedores” (ou “*losers*”, como são conhecidos na série) como personagens principais da trama. Esses personagens fazem parte do coral da escola, o “*Glee Club*” e em todos os episódios eles cantam músicas relacionadas ao momento que eles estão vivendo.

Dentre os personagens que mais se destacam na série estão Rachel, uma moça judia criada por homossexuais; Artie, um *nerd* cadeirante; os homossexuais Kurt e seu namorado Blaine; a professora Sue que detesta o coral e todos os alunos “perdedores” que fazem parte do grupo; entre outros personagens que ao longo das seis temporadas permaneceram.

Os problemas que os jovens enfrentam em seu cotidiano são abordados no seriado e todos os personagens são estereotipados, cada um deles tem uma ou mais características, que perante a sociedade, são vistas como “defeitos”. Biegging (2010) conclui sobre a série que é:

É possível perceber o quanto *Glee* torna-se crítico, a partir da apresentação dos estereótipos de “populares” e “perdedores”, quando expõe as diferenças e, através dos seus roteiros, mesmo que simplificados, apresentam situações em que os ditos “perdedores” também podem ocupar o seu lugar no mundo, discurso este que aproxima e faz com que o seriado seja fonte de identificação (BIEGING, 2010, pp. 375-376).

Diante disso, podemos verificar que o seriado apresenta possibilidades identitárias de pessoas presas a uma sociedade heterossexual preconceituosa e às dificuldades de acesso e exclusão de tais identidades nos mais diversos contextos (social, político e cultural). Observa-se que o seriado tenta desconstruir alguns estereótipos, retirando os indivíduos da marginalização e mostrando que todos eles são capazes e não perdedores, com o intuito de derrubar preconceitos.

O contexto do seriado *Glee* é informal e os personagens usam uma linguagem coloquial. Os diálogos, em sua maioria, ocorrem nos corredores da escola, na sala do coral, na cantina da escola, nos arredores do prédio da escola, entre outros lugares que propiciam esse contexto de informalidade nas falas dos personagens. Podemos concluir que cada personagem da série é estereotipado e um recurso utilizado é a quantidade de expressões idiomáticas que marcam cada um deles. Este fato nos fez querer estudar essas EI que esses personagens da cultura norte-americana usam e como elas chegam para a nossa cultura brasileira.

Para tanto, no tópico a seguir, faremos uma breve análise de algumas EI que foram coletadas do seriado e a tradução feita por uma equipe de legendagem de fãs.

## **5 Análise das traduções das EI em *Glee***

De acordo com as normas descritas por Gorovitz (2006) e Carvalho (2005), observamos que os tradutores seguiram as regras de caracteres por segundo, a legenda com mais caracteres tinha 32 (que está dentro das normas da equipe de legendagem); de tempo de exposição da legenda em tela, o maior tempo foi o de 4,5 segundos (respeitando os 6

segundos que a equipe estabelece como o máximo); e de sincronia, pois as legendas apareciam e desapareciam de acordo com as falas dos personagens.

Para que a análise pudesse ser realizada, contamos com o apoio dos autores que contribuíram com suas definições do que viriam a ser as EI, como Alvarez (2011) e Tagnin (1989), pois a partir do que os autores conceituaram como EI, chegamos à nossa definição do que são EI (como foi mencionado no tópico 3 deste artigo), para que então fôssemos capazes de identificar as EI no *corpus*.

Encontramos um total de 19 EI no episódio selecionado. Assim como mencionamos no tópico anterior, um dos recursos utilizados por certos personagens do seriado é o uso ou o não uso de EI, uma vez que, como esclareceu Bieging (2010), os personagens de *Glee* são estereotipados como “perdedores” ou “populares”. Podemos destacar que os personagens que se consideram “perdedores” se policiam mais na fala e evitam o uso exagerado de EI, enquanto que os que se consideram “populares” ou os que querem mostrar que são iguais aos demais, usam as EI com mais frequência. A exceção foi o caso da professora Sue que tem uma carga de informalidade sempre presente em suas falas, porém no episódio selecionado ela não ganhou grande destaque, e apresentou apenas uma EI. A quantidade de EI utilizadas por cada personagem foi a seguinte: Blaine utilizou 7 EI; Kitty, 2; Sr. Schue, 2; Kurt, 2; Policiais, 2; Unique 1; Santana, 1; Artie, 1; e Sue, 1.

Antes de apresentarmos as análises das EI, faz-se necessário mostrar cada um dos personagens que utilizou as EI para entendermos as razões para tais usos. Kurt e Blaine, um casal de namorados homossexuais, passam por diversos problemas no seriado, a maioria deles envolvendo preconceito por parte dos outros. Quando estão juntos, por se sentirem mais livres, utilizam diversas EI e se vestem de modo mais chamativo. As pessoas que se identificaram com esses personagens passaram ou conhecem alguém que passou pelas situações vividas por eles. E os dois conseguem motivar os telespectadores, uma vez que, conseguiram superar todos os obstáculos e conseguem viver sem ter que esconder quem são.

Santana e Kitty têm características semelhantes, sempre se vestem como uniforme de líderes de torcida e são trapaceiras, tentando sempre prejudicar o Clube *Glee*. As duas usam as EI em qualquer situação, a linguagem que usam é coloquial, elas não se policiam nas falas. As pessoas que se identificam com elas são as que não se calam, têm sempre respostas para tudo.

O Sr. Schue é professor e diretor do Clube *Glee*. Ele representa o mocinho do seriado, o que faz com que ele seja amado pelo público, pois ele luta pelos jovens do coral e a todo

tempo ele mostra aos alunos que todos têm qualidades e que eles são capazes de fazer tudo, desde que para isso, eles lutem. Apesar de se policiar na fala, ele acabou usando duas EI no episódio selecionado. As situações em que ele as usou foram de motivação e de apreensão.

Os policiais aparecem neste episódio por causa de uma trapaça da professora Sue. Eles usam as EI no momento em que por não sabem o que fazer com a situação encontrada.

Artie, um garoto cadeirante, se policia bastante nas falas, uma vez que ele quer ser incluído no meio em que vive e essa é uma característica que aproxima o público do personagem, a questão do que se tem que fazer para se inserirem um contexto social/cultural. Ele é o personagem que faz mais o uso de um vocabulário rebuscado, justificamos isso pelo fato de termos verificado que ele apenas usou uma EI. Ele a usou quando perdeu completamente a paciência com a sua amiga Tina que estava se metendo na vida dele.

Unique, uma travesti, expressa a sua identidade feminina através da música e passou a se vestir como mulher e foi logo aceita por seus amigos, porém sofreu muito preconceito de outras pessoas da escola. As dores de Unique são dores que muitos jovens e também adultos enfrentam aqui no Brasil e em qualquer parte do mundo, pois o preconceito com relação à orientação sexual das pessoas existe em todo lugar, foi por isso que tantas pessoas se identificaram com ela. Apesar de ser bem resolvida e ter começado a se vestir como mulher, Unique carrega consigo marcas que a fizeram se policiar na fala, uma vez que ela queria ser bem aceita por todos. Por isso, no episódio selecionado, Unique utilizou apenas uma EI.

Por fim, a professora Sue Sylvester que era a treinadora das líderes de torcida da escola, durante todo o seriado só veste roupas de treinadora. A representação da personagem é do tipo de pessoa que não se importa com quem tem que passar por cima, pois ela faz de tudo para vencer. Ela não gosta do clube *Glee* e nem das pessoas que fazem parte dele, já que ela as julga como perdedores. Sue é a vilã do seriado e faz questão de deixar claro o ódio que sente por todos do coral. Ela os destrata, os apelida e usa uma linguagem bastante informal com todos. Isso faz com que o público sinta raiva de Sue e logo relacione essa personagem com alguém que conheçam que seja tão egoísta, gananciosa e preconceituosa quanto ela.

Percebemos, portanto, com essa análise que a representação de cada personagem e o modo como eles se vestem e agem, influenciam diretamente no modo como falam. Em geral, os que mais se policiam nas falas e querem se mostrar corretos fazem pouco uso de EI, utilizando apenas em situações isoladas. Já os personagens que não se importam com o que falam e dizem o que vem à mente, tem um número de EI elevado nas falas.

Vejamos a seguir a Tabela 4 com as EI, em inglês, presentes no primeiro episódio da quinta temporada de *Glee* e como foram traduzidas para o português do Brasil:

Legenda original	Legenda traduzida
01) 00:04:56,455 → 00:04:59,480 I don't really know the Beatles; I'm a little <b>on the black side</b> .	00:04:56,455 → 00:04:59,480 Não conheço os Beatles, Estou <b>meio por fora</b> .
02) 00:09:09,656 → 00:09:13,751 What if we go out... But we do it <b>on the down-low</b> ?	00:09:09,656 → 00:09:13,751 E se saíssemos, Mas <b>às escondidas</b> ?
03) 00:10:21,401 → 00:10:23,899 You want to get to Broadway, you have to <b>pay your dues</b> .	00:10:21,401 → 00:10:23,899 Se quer chegar a Broadway, tem que <b>pagar suas dívidas</b> .
04) 00:11:02,000 → 00:11:03,400 All right, let me <b>break it down</b> for you.	00:11:02,000 → 00:11:03,400 Certo, deixe-me <b>explicar</b> .
05) 00:11:04,730 --> 00:11:06,297 and I was in New York and you were here, <b>you cheated on me</b> .	00:11:04,901 --> 00:11:07,300 eu em NY e você aqui, <b>you cheated on me</b> .
06) 00:11:12,101 → 00:11:14,200 I thought I was completely <b>out of the picture</b> in your life.	00:11:12,101 → 00:11:14,200 Pensei que eu estivesse <b>fora</b> da sua vida.
07) 00:11:20,601 → 00:11:23,700 Ever <b>cheat on you</b> again.	00:11:20,601 → 00:11:23,700 Nunca <b>trairia você</b> novamente.
08) 00:11:49,000 → 00:11:53,599 Come on, can we at least just <b>give it a try</b> ?	00:11:49,000 → 00:11:53,599 Qual é, podemos pelos menos <b>tentar</b> ?
09) 00:12:03,602 → 00:12:05,400 which I why I sort of, um, <b>put something together</b>	00:12:03,602 → 00:12:05,400 por isso <b>fiz</b> <b>uma coisinha</b>
10) 00:15:20,595 → 00:15:22,228 Our <b>hands are tied</b> , Mr. Figgins.	00:15:20,595 → 00:15:22,228 Nossas <b>mãos estão atadas</b> , Sr. Figgins.
11) 00:15:30,808 → 00:15:32,806 We're <b>in a pinch</b> here, coach,	00:15:30,808 → 00:15:32,806 Estamos <b>em apuros</b> aqui, treinadora,
12) 00:19:31,890 → 00:19:33,980 Our generation <b>is at a turning point</b> .	00:19:31,890 → 00:19:33,980 A nossa geração está <b>em tempo de mudança</b> .
13) 00:23:21,150 → 00:23:23,275 But <b>put the hells out</b>	00:23:21,150 → 00:23:23,275 Mas agora <b>dê o fora</b> .
14) 00:27:18,729 → 00:27:21,830 Sue's gonna take out the glee club and the Cheerios <b>in one fell swoop</b> .	00:27:18,729 → 00:27:21,830 Sue vai pegar o Clube Glee e as Cheerios <b>num piscar de olhos</b> .
15) 00:28:42,346 → 00:28:44,581 yes, the early Beatles always <b>had each other's backs</b> .	00:28:42,346 → 00:28:44,581 sim, os Beatles sempre <b>se apoiaram</b> .
16) 00:29:14,903 → 00:29:17,798 I did want to <b>keep it hush-hush</b> . Because you were ashamed.	00:29:14,903 → 00:29:17,798 Eu queria <b>manter em segredo</b> . Porque estava envergonhada.
17) 00:31:21,429 → 00:31:24,040 Look, the point is, is that it's time for us to <b>step in</b> .	00:31:21,429 → 00:31:24,040 É o seguinte: está na hora de <b>agirmos</b> .
18) 00:31:23,533 --> 00:31:25,067 <b>She's falling apart</b> .	00:31:24,041 --> 00:31:25,341 <b>Ela está desmoronando</b> .

19) 00:32:12,459 → 00:32:14,192 You know, I think you <b>found your calling.</b>	00:32:12,459 → 00:32:14,192 Acho que <b>nasceu</b> <b>para fazer isso.</b>
--	--

Tabela 4: Trechos retirados do primeiro episódio da quinta temporada do seriado *Glee*.

Ao analisarmos as traduções, verificamos que há diferentes tipos de escolhas feitas pelos legendadores. Com a contribuição das estratégias para a tradução de EI que Baker (1992) apresenta e que já mencionamos no tópico sobre EI, decidimos separar o *corpus* em quatro categorias: I) tradução literal de EI, perdendo-se o sentido dela; II) tradução de uma EI por outra EI com o mesmo efeito; III) tradução de uma EI por meio de paráfrase; e, IV) omissão da EI.

Houve um caso em que a tradução foi feita literalmente, de modo que a tradução não estava adequada em relação ao texto e a cultura original (I), na EI3. A EI utilizada pela personagem Santana foi “*to pay your dues*” e ela foi traduzida literalmente como “pagar suas dívidas”. O significado encontrado em dicionário para essa EI foi: ganhar algo através do trabalho duro, da longa experiência, ou do sofrimento. No caso desse contexto, Santana estava querendo falar sobre o trabalho duro que se deve ter para conseguir um lugar na Broadway, o que nada tem relação com a tradução colocada na legenda, já que esse contexto não diz respeito ao pagamento de alguma dívida. A EI perdeu o sentido na tradução, fazendo com que a mensagem não ficasse clara para o contexto brasileiro.

O tradutor usou uma EI que fosse mais próxima ao nosso contexto cultural (II), optando por não usar a tradução literal em 8EI (1, 2, 10, 12, 13, 14, 16 e 19), podem-se explicar essas escolhas pelo fato de o tradutor ter optado por uma EI que é mais comum de ser usada no contexto brasileiro e que conseguisse passar a mesma mensagem, ou seja, o tradutor optou por fazer uma paráfrase cultural, de maneira que a tradução transmite o mesmo efeito para o público brasileiro que o texto original transmitiu para o público americano.

Na EI 1, a personagem Unique usa a EI “*on the Black side*” que foi traduzida por uma outra EI, “meio por fora”. A tradução não foi adequada ao significado encontrado no dicionário, mas teve o mesmo efeito aqui na cultura brasileira que a EI em inglês teve na cultura norte-americana. A EI 2 utilizada por Kitty foi “*on the down-low*” que foi traduzida por meio de outra EI, “às escondidas”, que nas duas culturas tiveram o mesmo efeito, pois, em ambas, significava que eles iriam fazer algo em segredo. A EI 10 usada por policiais foi: “*hands are tied*”, traduzida por outra EI que é comumente utilizada na cultura brasileira, “mãos atadas”. Blaine utilizou a EI 12: “*turning point*” e foi traduzida por outra EI: “em tempo de mudança”, a qual tanto se adequou ao contexto de fala quanto ao significado

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.2, n.1, p. 53-74, 2016.

apresentado pelo dicionário. Artie usou a EI 13: “*But put the hells out*”, que foi traduzida por: “Mas agora dê o fora” que também é uma EI e possui o mesmo efeito no contexto brasileiro que a EI em inglês possui no contexto norte-americano. Conversando com a treinadora das líderes de torcida, o Sr. Schue usa a EI 14: “*in one fell swoop*” que foi traduzida por uma outra EI muito utilizada no Brasil, “num piscar de olhos”, o que fez com que o sentido fosse mantido. Kitty usa a EI 16: “*keep it hush-hush*” que foi traduzida por outra EI com o mesmo efeito para a cultura brasileira, “manter em segredo”. E o último caso (19) de tradução de uma EI por outra EI foi utilizada por Sue: “*found your calling*” que foi traduzida como “nasceu para fazer isso” que teve o mesmo efeito nas duas culturas.

Em 10 EI a opção utilizada foi a de parafrasear (III) a expressão e traduzi-la não como uma EI, o que pode fazer com que tenhamos diferentes interpretações para esse resultado. Como a falta de conhecimento do tradutor de EI na língua portuguesa, ou por ter optado pela simplificação, uma vez que a EI poderia não caber na legenda por questões técnicas, ou ainda por na língua portuguesa não haver tais EI.

Em um diálogo entre os personagens, que são namorados, Kurt e Blaine, eles utilizam seis EI e todas elas foram traduzidas por meio de paráfrase, pode se observar nas EI 4, 5, 6, 7, 8 e 9. As EI 4 é usada por Kurt: “*break it down*”, e por meio da paráfrase ficou como “explicar”. A tradução, apesar de não ter sido uma EI, se adequou ao significado apresentado pelo dicionário. Mais um recurso utilizado pelos tradutores foi a questão da redução de caracteres para a legenda ficar dentro dos padrões da equipe que fazem parte, passou de 38 para 25 caracteres. As EI 5 e 7 foram Kurt e Blaine que utilizam: os dois usam “*cheat on*” e mais uma vez a tradução foi feita por meio da paráfrase “você me traiu” e “nunca trairia você novamente”, nestes casos não se tem uma EI com o mesmo efeito da EI em inglês, por isso a paráfrase fez mais sentido em ser usada e a mensagem passada teve o mesmo efeito. A EI 6 que Blaine usa é: “*out of the picture*”, e a tradução, feita por paráfrase ficou: “fora”. Ela não se adequou ao que apresentou o dicionário, mas sim ao contexto do diálogo entre Blaine e Kurt. Além disso, os tradutores diminuíram o número de caracteres de 58 para 41. A 8ª EI A EI foi “*give it a try*” que é utilizada por Blaine e a tradução parafraseada para “tentar” foi adequada tanto ao contexto do diálogo de Blaine e Kurt quanto ao significado dado pelo dicionário. A última EI desse diálogo é usada por Blaine: “*put something together*” e foi parafraseada por “fiz uma coisinha”, que não se adéqua ao significado dado pelo dicionário, mas se adequou ao contexto, já que Blaine quis dizer que tinha uma surpresa para Kurt.

A EI 11, “*in a pinch*”, usada pelos policiais, foi traduzida por paráfrase, “em apuros”, que se adequou ao contexto apresentado na série e ao contexto brasileiro também. Conversando com os alunos na sala do coral, o Sr. Schue mostra como os Beatles eram, sempre se ajudavam, para isso ele utilizou a 15ª EI “*had each other’s back*” que foi parafrazeada por “se apoiaram”, além da tradução estar adequada ao contexto brasileiro, os tradutores conseguiram ainda diminuir o número de caracteres de 53 para 35 e fazendo com que essa legenda coubesse no tempo certo do momento da fala. Blaine utiliza as EI 17 e 18: “*she’s falling apart*” que foi traduzida como “ela está desmoronando” e “*to step in*” que foi traduzida como “agirmos” e ambas provocaram o mesmo efeito que as EI em inglês e se adequaram ao contexto de uso e aos significados do dicionário.

Não houve casos de omissão de expressão idiomática (IV) de nenhuma das EI encontradas no episódio analisado. E isso pode ser entendido como um ponto positivo dos tradutores, que podem ter optado por traduzirem as todas as EI por julgarem serem importantes para a compreensão da mensagem, o que mostra o conhecimento nas duas línguas e nas duas culturas por parte dos tradutores da legenda.

## **Conclusão**

Acerca do que Snell-Hornby (1995) sugere, os tradutores devem ser no mínimo biculturais e verificamos que isso ocorreu com os tradutores da legenda analisada, uma vez que as traduções, em sua maioria, foram adequadas em ambas as culturas. Com isso podemos perceber que além do conhecimento da nossa língua e da nossa cultura, os tradutores também foram capazes de compreender a língua e a cultura norte-americana apresentada em *Glee*.

Sobre as estratégias para a tradução de palavras culturalmente determinadas propostas por Hatje-Faggion (2009), vimos que os tradutores da legenda, ao se depararem com problemas culturais, optaram por substituir a palavra por outra que fizesse sentido na cultura de chegada, uma vez que a opção da nota de rodapé não é viável para a legendagem.

De acordo com as estratégias de tradução de EI propostas por Baker (1992), encontramos no *corpus*, uma ocorrência da estratégia I, tradução de uma EI literalmente, perdendo-se o sentido dela; oito ocorrências da segunda estratégia, tradução de uma EI por outra EI com o mesmo efeito, porém com forma diferente; 10 ocorrências da estratégia III, tradução de uma EI por meio de paráfrase; e nenhuma ocorrência da quarta estratégia, omissão de EI.

Verificamos que a questão cultural influencia na tradução das expressões idiomáticas, o tradutor deve compreender tanto a língua e a cultura da língua de partida, quanto a língua e a cultura da língua de chegada, no caso estudado, inglês e português do Brasil, respectivamente.

Observamos a não existência de equivalência entre as línguas, como apresentaram Baker (1992) e Armstrong (2005), uma vez que nas traduções analisadas pudemos comprovar tal aspecto já que a tradução literal não fez sentido para o contexto brasileiro.

As traduções em que foram utilizadas as estratégias II e III nos mostram que os tradutores tiveram a preocupação de transmitir as mensagens para o público brasileiro com o mesmo efeito que o público norte-americano as recebeu.

Sobre a não ocorrência de omissão das EI nos aponta que os tradutores podem ter julgado todas as EI como essenciais para a compreensão das mensagens e/ou que optaram por não deixar o leitor da legenda com alguma informação incompleta.

O artigo foi produzido graças ao seriado *Glee* que leva o público a se identificar com os personagens, questionando preconceitos e questões de exclusão, mostrando que o excluído e estereotipado tem seu papel e lugar na sociedade. No seriado, as representações dos problemas dos personagens estereotipados não são diferentes dos problemas que os jovens brasileiros enfrentam. Portanto, o espectador acaba se identificando com o personagem e assim, vem o sucesso mundial do seriado. E pelas traduções analisadas os tradutores conseguiram manter as características (mencionadas na análise) de cada personagem.

Por fim, analisamos que as traduções de EI em legendas têm sido feitas de diversas formas, tais como traduções, levando em conta os aspectos culturais do Brasil e traduções literais. Acreditamos que a atividade de tradução de legendas de seriados de TV é um tema que necessita abordagem investigativa adicional, que venha a observar o resultado do trabalho tradutório das legendas para que se possam verificar as implicações dessas traduções na cultura brasileira, além de servir como material para cursos de tradução e insumo para pesquisa.

## Referências

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. **Traduzir uma expressão idiomática não é quebrar galho, é descascar um abacaxi.** In: SANTOS, C.A.B.; BESSA, C. R.; HATJE-FAGGION, V.; SOUSA, G. H. P. Tradução e Cultura. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. **O processo de legendagem no Brasil**. Universidade Estadual do Ceará. 2004.

ARMSTRONG, Nigel. **Translation, Linguistics, Culture: A French–English Handbook**. Multilingual matters LTD: 2005.

BAKER, M. In *Other Words. A Coursebook on Translation*. Routledge: 1992.

BIEGING, Patrícia. **Perdedores e Populares: Glee e as representações estereotipadas na mídia brasileira**. In: CIANTEC. *Arte, Novas Tecnologias e Comunicação: fenomenologia da contemporaneidade*. São Paulo: 2010.

BOGUCKI, L. **Amateur Subtitling on the Internet**. In: CINTAZ, Jorge Diaz; ANDERMAN, Gunilla. *Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen*. Palgrave MacMillan: 2009.

CARVALHO, Carolina Alfaro de. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 2005.

CINTAZ, Jorge Diaz; ANDERMAN, Gunilla. **Audiovisual Translation: Language Transfer on Screen**. Palgrave MacMillan: 2009.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Expressões idiomáticas**. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/gramatica/expressoes-idiomaticas.html>>. Acesso em: 26 de jun. de 2014.

GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução: a legendagem e a construção do imaginário**. Brasília: Ed. UnB, 2006.

GRIFFITHS, Patrick. **An Introduction to English Semantics and Pragmatics**. Edinburgh University Press, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HATJE-FAGGION, Válmí. **Tradutores em caminhos interculturais – a tradução de palavras culturalmente determinadas**. In: SANTOS, C.A.B.; BESSA, C. R.; HATJE-FAGGION, V.; SOUSA, G. H. P. *Tradução e Cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa. **Translatorisches Handeln: Theorie und Methode**. Helsinki: Suomalainen tiedeakatemia, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEGENDAS. TV. Disponível em: <<http://legendas.tv/>>. Acesso em: 20 out. 2014.

MONTENEGRO, Chico. **86% dos brasileiros gostam de comentar em redes sociais o que assistem na TV**. Disponível em: <<http://midiaboom.com.br/dados-e-estatisticas/86-dos-brasileiros-gostam-de-comentar-em-redes-sociais-o-que-assistem-na-tv/>>. Acesso em: 20 out. 2014.

NARVAES, Patricia. **A tradução de expressões idiomáticas**: legendagem versus dublagem. PROFT em Revista. Anais do Simpósio Profissão Tradutor: 2013. Vol. 1, nº 3 março de 2014.

O'DELL; MCCARTHY. **English Idioms**. Cambridge University Press: 2010.

RIDD, M. D. **Legendagem**: corda bamba entre oral e escrito. In: ANAIS do I Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal. Universidade de Brasília, 1995.

SERIES TVIX. Disponível em: <<http://seriestvix.tv/>>. Acesso em: 20 out. 2014.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation studies**: an integrated approach. Philadelphia: John Benjamins, 1995. pp. 43-48.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. Ed. Ática. São Paulo, 1989.

VENUTI, L. **The Scandals of translation**: towards an ethics of difference. London & New York: Routledge, 1999.

XATARA, Claudia Maria. **Tipologia das expressões idiomáticas**. UNESP, São Paulo: 1998.